



O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Sejam bem-vindos a mais uma edição do *Educação em Debate*. Esta é uma realização da Comissão de Educação juntamente com a Frente Parlamentar Mista da Educação. Agradeço ao Deputado Danilo Cabral, Presidente da Comissão de Educação, ao Eugênio e a toda a equipe da Comissão de Educação. Com essas palestras, trazemos ao debate assuntos relevantes para a educação brasileira.

Quero agradecer ao sempre presente Deputado Pedro Fernandes, ex-Secretário de Educação do Estado do Maranhão. Gostaria de saudar todas as lideranças que nos prestigiam. Agradeço também a presença ao Dr. Euclides, que representa o Ministro do Trabalho.

Hoje o assunto que nos traz aqui é da maior importância para o Brasil. Na verdade, nós precisamos discuti-lo muito mais e implementar políticas públicas voltadas para a questão dos superdotados, dos estudantes com altas habilidades. O título da nossa palestra hoje é *O Estudante com Altas Habilidades/Superdotação: Direitos e Desafios*.

E, para nossa satisfação e alegria, temos hoje como palestrante uma paranaense, que vai nos trazer aqui os seus conhecimentos, a sua experiência, que é a Dra. Denise Maria de Matos Pereira Lima. Ela é Mestre e Doutora pela Universidade Federal do Paraná; trabalha no Departamento de Educação Especial da Secretaria de Educação do Paraná como Coordenadora Pedagógica do Atendimento Educacional Especializado e Técnica Pedagógica na área de Altas Habilidades/Superdotação. É professora em curso de formação de professores, com foco em prepará-los para atuar em educação especial, altas habilidades/superdotação, neuropsicologia, psicopedagogia e políticas educacionais. É membro da Comissão Técnica do Conselho Brasileiro para Superdotação.

Dra. Denise, muito obrigado por sua presença. Seja muito bem-vinda. Com muita alegria vamos ouvi-la.

A SRA. DENISE MARIA DE MATOS PEREIRA LIMA - Primeiramente, quero agradecer ao Deputado Alex Canziani o convite, e cumprimento todos os presentes. Quero emitir também o meu agradecimento à Secretaria de Estado de Educação, na pessoa da Profa. Lúcia Cortez, que concedeu a autorização para que estivéssemos aqui hoje; à Chefe do Departamento de Educação Especial e à Superintendente de Educação da Secretaria de Educação do Estado do Paraná.



Também quero mencionar aqui os meus agradecimentos a todos os colegas do Conselho Brasileiro para Superdotação e dizer que eu quero representá-los, representar toda essa equipe de pesquisadores, os pais e os estudantes com altas habilidades, porque esta é uma oportunidade muito importante de discutirmos sobre esse tema aqui na Câmara dos Deputados, dando visibilidade para que as políticas públicas se efetivem na prática, e esses estudantes saiam da invisibilidade.

Então, agradeço a todos. Muito obrigada.

Nosso tema trata de direitos e desafios em função de sabermos que nossos estudantes com altas habilidades e superdotação têm direito garantido à educação especial — eles fazem parte do público da educação especial —, no entanto são muitos os desafios para que essa prática se efetive.

A educação especial no Brasil tem a tradição de se voltar especificamente para a área das deficiências. No entanto, o público da educação especial é delimitado por três categorias, que são os estudantes com deficiências, os estudantes com transtornos globais do desenvolvimento e estudantes com altas habilidades ou superdotação. Então, o público é mais abrangente do que o que realmente tem sido o foco das discussões nas políticas públicas. Quando eu falo em educação especial, eu não falo necessariamente em estudantes com deficiências — eu falo também dos estudantes com altas habilidades e falo também daqueles que apresentam transtornos globais no desenvolvimento.

Há algumas políticas estaduais. Aqui vou me remeter em alguns momentos às políticas do Estado do Paraná. Nós também ampliamos o público-alvo da educação especial porque estamos atendendo à normativa da Deliberação nº 02, de 2017, com relação a estudantes com transtornos funcionais específicos, como também estudantes que são públicos da educação especial.

(Segue-se exibição de imagens.)

Sabemos que existe essa política e precisamos estar atentos, porque esse é um público que tem sido negligenciado dentro das discussões da educação especial. Quando se fala em educação especial, pensa-se inicialmente na deficiência. É claro que eles precisam ser vistos, precisam ser atendidos em suas necessidades, mas não podemos deixar de lado os demais que compõem esse público, porque eles têm necessidades muito específicas na escolarização, para que o seu desenvolvimento seja um desenvolvimento adequado dentro da escola, da sociedade e da família. As famílias têm



sofrido muito com a falta de informação com relação aos direitos que os estudantes com altas habilidades têm: eles têm direito a uma educação especializada, a um atendimento educacional especializado.

As políticas públicas hoje no Brasil contemplam, então, como eu já disse, os estudantes com altas habilidades/superdotação. Há o Capítulo V da LDB; o Parecer nº 17, de 2001; a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva; o Decreto Federal nº 7.611, de 2011. E, no Estado do Paraná, existe a Deliberação nº 2, de 2017.

Vale dizer aqui que, com relação às políticas públicas, todas as políticas que delimitam, que orientam, que normatizam, que preveem o atendimento ao estudante da educação especial, elas também contemplam o estudante com altas habilidades ou superdotação. Então, quando eu falo sobre políticas públicas, elas estão descritas, elas estão postas. No entanto, a efetivação dessa política, a implementação dessas políticas acaba sendo voltada de forma mais intensa para o estudante com deficiência, inclusive no caso de algumas ações, tanto no âmbito nacional, quanto dos Estados e dos Municípios.

Então, segundo a LDB, a educação especial tem a seguinte definição:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Aqui vale um comentário e até uma advertência que eu gostaria de deixar registrados em relação à terminologia utilizada na revisão dos documentos oficiais que trazem a expressão "altas habilidades ou superdotação". Não é o mais importante, mas isso interfere nas questões de ordem política mesmo. Quando eu digo "altas habilidades ou superdotação", eu apresento dois sujeitos: um com altas habilidades e outro com superdotação. E, na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, esses termos aparecem escritos com "barra": "altas habilidades/superdotação". Isso dá outra conotação, pois traz os termos como sinônimos. Se eu considerar "altas habilidades ou superdotação", eu falo de dois sujeitos, ou seja, eu falo de dois protocolos de identificação. Ou é uma coisa ou é outra, e eu tenho que distinguir o que são "altas habilidades" e o que é "superdotação". Se eu utilizo a barra, eu falo de um único sujeito; então, eu utilizo um único protocolo de identificação. A grande questão hoje no Brasil com



relação às altas habilidades é a questão da identificação mesmo. Então, é importante essa discussão com relação à terminologia para que isso se defina. Há documentos que trazem essa expressão escrita com a barra, há documentos que a trazem com "ou".

Também com relação às políticas, em 2005 houve a implantação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S, promovida pelo Governo Federal, em todos os Estados e no Distrito Federal. Houve incentivo, com formação de profissionais, e os Estados, então, aderiram à implantação dos núcleos. Esses núcleos são constituídos por três setores, que seriam o setor de atendimento ao estudante, o de atendimento à família e o de atendimento ao professor. Quando eu for descrever o NAAH/S de Londrina, eu vou explicar um pouquinho melhor como é a organização desse núcleo. No entanto, trata-se de uma política que está em vigor e à qual precisamos estar atentos, porque em alguns Estados o NAAH/S se diluiu dentro de outros projetos do Estado, e o atendimento não se efetiva da forma como poderia ser efetivado. Em compensação, há Estados que fortaleceram o atendimento por meio do NAAH/S. E nós vimos que a proposta é muito interessante, muito boa, e vale a pena ser contemplada nas políticas públicas.

Qual é o conceito, quem é o estudante com altas habilidades/superdotação? A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que é o nosso documento base — apesar de ela estar sendo revista neste momento, nós vamos nos respaldar na política que está em vigor, vamos continuar com a de 2008, que traz um conceito bastante amplo, mas bastante completo também — diz assim:

Estudantes com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

É um conceito imenso, bastante grande. Ele é complexo à primeira vista, no entanto, nós vamos desmembrar esse conceito para poder explicá-lo.

A primeira parte do conceito fala das áreas de maior habilidade que o estudante pode apresentar. São cinco áreas. Quando há superdotação, segundo a normativa brasileira, o estudante pode apresentar maior habilidade, interesse ou desenvolvimento na área intelectual, acadêmica, de liderança, de psicomotricidade ou de artes. Essas



áreas podem aparecer de forma isolada ou combinada. Então, é possível haver um estudante com altas habilidades/superdotação, por exemplo, na área acadêmica, onde ele apresente um desenvolvimento extraordinário, mantendo-se nas outras áreas ele com um desenvolvimento normal. Mas também podemos ter um estudante que apresente áreas combinadas, que apresente várias áreas de maior habilidade e interesse. Por exemplo, temos estudantes que praticam esportes e são nota dez no desempenho acadêmico, escolar, que têm alto nível de intelectualidade. Enfim, são áreas que podem aparecer de forma combinada ou isolada.

Quando falo em altas habilidades/superdotação, não estou me referindo a um sujeito que não apresenta nenhuma deficiência ou transtorno. Se não apresenta nenhuma deficiência ou transtorno, o que caracteriza o sujeito com altas habilidades/superdotação? Caracteriza-o, digamos, de forma resumida, a condição de seu cérebro funcionar diferentemente dos demais. Um estudante superdotado não tem uma aparência, um biotipo diferente que o identifique. Sua constituição física e o seu cérebro, anatomicamente falando, vão ser iguais aos de todos. No entanto, seu cérebro funciona de forma diferente, e o estudante vai expressar, no seu comportamento, indicadores que vão identificá-lo como estudante superdotado. Seu cérebro tem funcionamento e potencial diferentes dos demais e vai utilizar caminhos diferentes para dar respostas, respostas essas que poderão aparecer em qualquer uma das áreas mencionadas.

Com relação à identificação do estudante superdotado, há questões que precisam ser pontuadas. Nós temos os testes formais de inteligência, que podem contribuir para sua avaliação e identificação, mas esses testes se restringem às áreas voltadas para a escolarização, as áreas acadêmicas. Esses testes formais ainda não estão organizados e não existem testes que apurem, por exemplo, a habilidade de liderança de forma efetiva, para que possamos identificar o estudante com superdotação nessa área. Por isso nós defendemos a avaliação no contexto pedagógico, pois é no convívio diário com o professor, no ambiente escolar, que nós conseguimos identificar as características do estudante superdotado de forma mais efetiva.

A segunda parte do conceito traz uma teoria do pesquisador norte-americano Joseph Renzulli que se traduz pelo modelo dos três anéis, que é muito didático e facilitador da identificação do estudante superdotado, ao afirmar que o estudante superdotado apresenta três elementos em seu comportamento.



Um desses elementos é a criatividade. Renzulli não se refere somente à criatividade de elaboração de projetos artesanais, mas à criatividade, voltando para a questão do cérebro, onde o cérebro trace caminhos diferenciados para chegar às respostas. Falamos de criatividade no sentido de encontrar novos jeitos de fazer as coisas, de encontrar novos caminhos para alcançar respostas — respostas inovadoras. Os superdotados são, portanto, indivíduos muito criativos. O que já está pronto, o que já é fato consumado para eles não é interessante. Eles querem o novo, querem ver aquilo acontecer de um jeito novo. O estudante superdotado costuma incomodar o tempo todo na sala de aula, porque nossas salas de aula, de modo geral, estão organizadas para que os estudantes reproduzam o que o professor traz, e o superdotado é criativo, tem a necessidade do novo, do fazer de um jeito diferente. É quando começam os conflitos com relação à escolarização do estudante superdotado e a sua necessidade educacional especial.

Outro elemento é o envolvimento com a tarefa, ou seja, a motivação. O superdotado é muito intenso nas suas preferências. Muitas vezes, isso traz grandes benefícios, mas também, no contexto educacional, alguns prejuízos, porque esse estudante fica focado em alguns temas, em suas preferências de estudo, deixando o resto de lado por falta de motivação. Assim, se sua área de maior habilidade e interesse for, por exemplo, uma área de conhecimento da história, ele vai querer estudar sempre essa temática, deixando as outras de lado. Isso acaba trazendo um desconforto no contexto pedagógico. Para que o professor consiga administrar isso, ele vai precisar trabalhar com esse estudante partindo sempre do centro de interesse dele, das áreas nas quais ele tem maior habilidade e interesse, delas fazendo uma ponte com áreas em que ele não tem tanto interesse. Isso funciona bem.

O terceiro elemento é a habilidade acima da média. Se comparado aos demais da sua idade, o estudante superdotado sempre vai apresentar um desenvolvimento e um conhecimento muito maior. Há aí um sincronismo, digamos assim, para a identificação da habilidade acima da média: para Renzulli e países em que há tradição da avaliação por meio dos testes formais, esses testes são aplicados para medir a inteligência. No Brasil, por orientação do próprio MEC e dos Governos dos Estados, nós pesquisadores não temos estrutura para aplicar testes em todos, nem seria o caso. Como também já avançamos bastante e sabemos das limitações dos testes formais, sempre temos como



base a observação direta, para verificar se o estudante apresenta habilidade acima da dos demais de sua idade.

Hoje nós temos estudantes na educação infantil que já leem desde um ano e meio, dois anos de idade e que, quando entram no ensino fundamental, aos seis anos — está sendo votada estes dias a questão da idade —, já são leitores ávidos há muito tempo. Isso dificulta muito o estímulo a esses estudantes para que eles permaneçam em sala de aula com os colegas de mesma idade, compartilhando o início da alfabetização dos demais quando ele já está alfabetizado há muito tempo. Enfim, ainda há muitas questões para discutirmos com relação a esse tema.

Ainda falando sobre o conceito, de acordo com teoria do Renzulli, para cada área de habilidade se observa se o estudante apresenta criatividade, habilidade acima da média e envolvimento com a tarefa. Esse é o primeiro passo para a identificação. Segundo Renzulli, a superdotação está na intersecção desses três anéis, conforme a imagem que vemos. O estudante precisa apresentar esses três elementos para que se identifique, na intersecção dos três anéis, as características do estudante superdotado. E ele diz o seguinte: *"Há muito tempo eu acredito que incentivar esse tipo de envolvimento resultará no desenvolvimento de valores centrados no uso das habilidades e dos talentos de cada um para melhorar o nosso mundo"*.

Hoje nós vivemos uma situação bastante delicada no País, com inúmeros desafios, especialmente para aqueles que estão conduzindo as normas e leis. Nós somos um país que precisa de muitas respostas no âmbito social, cultural, da saúde e do bem-estar social. E nós acreditamos — eu digo nós porque incluo todos os envolvidos no convívio com os estudantes com altas habilidades — que eles demonstram ter muitas respostas. Se bem trabalhados e bem incentivados, se tiverem oportunidades, poderão nos dar muitas respostas para problemas que a sociedade enfrenta dia após dia e para os quais não conseguimos alcançar respostas.

No entanto, eles estão sendo negligenciados no âmbito educacional, e assim perdemos a possibilidade de conquistar um mundo melhor, em função de deixar de lado o potencial que esses alunos apresentam, de não investir nesses estudantes. Muitos estudantes superdotados estão sendo absorvidos por outros países e estão desenvolvendo pesquisas fora do Brasil. Tenho alunos que participaram da minha sala de recursos e hoje estão fora do Brasil, produzindo pesquisas para outros países, quando



poderiam estar aqui, beneficiando com sua capacidade, com sua inteligência nosso País, que precisa de tantas respostas.

Eu acho que esse tema precisa ser olhado com mais atenção. Precisa haver um investimento maior, um incentivo maior na identificação dos estudantes superdotados, para que nós possamos, também como seres humanos, como sociedade, sermos beneficiados pelo convívio com essas pessoas.

Algumas características importantes nós precisamos mencionar. Esses estudantes não são criados. Eu não consigo criar uma pessoa superdotada, eu não tenho como escolher um aluno e transformá-lo em alguém superdotado. Existem fatores que determinam a superdotação: fatores sociais, do meio em que se está inserido, mas principalmente fatores biológicos. Nós sabemos e já foi comprovado que a inteligência é herdada. Existe um padrão biológico que define a inteligência, e nós precisamos levar isso em consideração. O bebê já nasce com essa condição. Se ele vai ser identificado e vai se desenvolver como um superdotado, isso dependerá do ambiente em que está, da família e da escola. Elas têm que identificar, estimular e reconhecer o seu potencial. Mas essas características já são apresentadas desde muito pequenos, de modo que, nós temos que identificar o estudante com foco em três pontos básicos: a família, a escola e o próprio estudante com seus comportamentos.

O superdotado vai apresentar um vocabulário muito avançado e muito rico em relação a seus pares, e isso desde muito pequeno. O Estado do Paraná já tem incentivado seus Municípios a começarem a identificação do comportamento de superdotação já na educação infantil, para que esses estudantes tenham visibilidade desde logo e sejam acompanhados no decorrer de seu desenvolvimento escolar. Assim nós poderemos desenvolver suas capacidades já desde bem pequenos, uma vez que a precocidade é evidente no estudante superdotado.

Nem toda criança precoce necessariamente será uma pessoa superdotada, mas todo superdotado certamente apresentou sinais de precocidade. Então, fazermos essa identificação é muito importante.

Ele fala muito cedo, ele traz essas informações. Se formos conversar com a família dele, ela vai dizer: *"Olha, meu filho começou a falar muito cedo, com 1 ano já falava muito bem, com qualidade, com um vocabulário avançado, não próprio para sua idade"*. O desenvolvimento dele em relação a seus pares é muito interessante.



De um modo geral, eles são muito persistentes perante as dificuldades inesperadas e têm tendência ao perfeccionismo. Essa tendência não significa que eles consigam fazer tudo perfeito. Às vezes, tenho estudante que mantém seu caderno todo desalinhado, desarrumado, mas que acaba rasgando o caderno de tanto que ele apaga para tentar fazer o melhor.

Então, quando eu falo em perfeccionismo, não estou falando de estética, mas de tentativa de acerto, de fazer o melhor. Eles são perfeccionistas. Esse comportamento traz muita angústia para essa criança e começa quando ela é pequena. Quando adolescente, isso acaba trazendo prejuízos também para os relacionamentos, porque é uma característica que aparece intensamente na superdotação.

Reforçando, não é uma questão de perfeccionismo nem de estética quando eu olho um trabalho ou alguma produção dele, é uma questão de tentar fazer o melhor e mais perfeito possível, aprofundamento de conteúdo. De um modo geral, os que privilegiam a questão estética são os da área artística. Desses sim nós vamos ver produções magníficas.

No entanto, para os que são da área acadêmica há a questão do conhecimento. Eles não aceitam uma resposta rasa, eles não querem trabalhar com conteúdos que não tenham fundamentação que sustente aquilo que se diz. É muito importante nós entendermos essas características que vão acompanhando essas pessoas no decorrer da vida.

Sensibilidade aos problemas sociais e aos sentimentos dos outros: eles são extremamente sensíveis a isso. Por mais que se diga que a pessoa muito inteligente afasta-se dos demais, é o contrário, ela tem uma necessidade muito grande de convívio. De um modo geral, é o meio que a afasta devidos aos seus comportamentos diferenciados, ao seu nível de exigência. Mas são extremamente sensíveis aos problemas sociais.

Há crianças que veem uma pessoa passando necessidade na rua e passam 2 dias ou 3 dias sem dormir pensando naquilo, preocupados, levando essas questões para a família. Elas entram em sofrimento.

Em relação às questões de ordem política, social, o envolvimento deles é muito grande. Eu lembro quando houve o ataque às torres gêmeas nos Estados Unidos. Um estudante disse para mim: "*Você viu o que aconteceu hoje no jornal?*" Eu disse: "*Vi, aconteceu um acidente*". Ele me disse: "*Isso não foi um acidente, não foi um acidente. Eu*



já fiz uma análise, isso não foi um acidente. Isso vai refletir em toda a questão socioeconômica mundial porque isso foi um ataque terrorista". De início, ele já fez uma análise. Pela manhã, ele viu o jornal e foi para a escola, e lá na escola ele já estava com todas essas preocupações. "Foi um ataque terrorista!" Então, eles estão sempre preocupados com essas questões.

Havia outro estudante cuja habilidade e foco na escola sempre fora a biologia, os animais, as plantas, etc. Todos os trabalhos que lhe oferecíamos na sala de recursos, todos eram voltados para essa área. Um dia fomos fazer uma visita a uma exposição de tubarões que houve em Curitiba. Quando nós saímos da escola e chegamos à calçada, ele me disse assim: *"E aí, Denise, nós vamos conversar sobre o que no caminho?"* Nós íamos a pé porque o local da exposição era próximo à escola. Eu falei: *"Olha, sobre o que você quiser. Sobre o que você quer conversar?"* Ele respondeu: *"Poderíamos conversar sobre a situação política do Brasil?"* Aí eu me assustei, porque ele nunca tinha manifestado interesse sobre isso. Eu falei: *"Mas você gosta de biologia. Por que você quer conversar sobre a situação política do Brasil?"* Ele disse: *"Eu gosto disso lá na escola, mas, aqui fora, nós podemos variar os assuntos".*

Eles são surpreendentes. Eles trazem inúmeras situações que sempre nos surpreendem, pela possibilidade que eles têm de aprendizagem, pela leitura de mundo, pela perspicácia. A forma como eles conduzem as questões internamente é muito interessante.

Tendência ao isolamento. É claro, sujeitos que são extremamente intensos para algumas coisas, crianças que se desenvolvem muito mais rapidamente não conseguem compartilhar suas ideias com as da mesma idade. Hoje, há pais que nos procuram na Secretaria de Educação angustiados porque os filhos estão sendo identificados pelos professores como autistas, porque estão sozinhos, passam o recreio sozinho, porque não compartilham das atividades na sala de aula. Sim, são crianças com 3 anos de idade que já têm ideias fabulosas e não estão no tatibitate. Enquanto outros estão ali aprendendo a andar, saindo das fraldas, na mamadeira, eles estão preocupados com as formas geométricas.

Cito um exemplo disso. Acompanho uma criança que, desde 1 ano e meio, já lia. Os pais me procuraram, eu os orientei. Hoje a criança já está com 7 ou 8 anos, mas era um bebê quando chegou a nós. Já sabia todas as formas geométricas, pentágonos,



hexágonos; identificava e desenhava as formas geométricas. Sabia as cores, com todas as suas nuances, os nomes. Sabia contar, e eu não sei até quanto, porque comigo ele contou até cem, mas, como tínhamos um tempo limitado, eu não consegui continuar ouvindo. Mas ele contava em francês, inglês e português.

Então, a escola chamou os pais dessa criança e lhes disse: *"Olha, o seu filho tem problema. Ele tem problema porque não compartilha com os demais, em sala de aula, as atividades do maternal"*. É claro que não! Uma criança com todas essas informações, com todo esse conhecimento, com interesses específicos, não vai querer ficar brincando com as demais. Ela precisa de um trabalho diferenciado.

O motivo da preocupação da mãe era que nas fotos o filho sempre estava sozinho, sempre num cantinho. Ela nos procurou e perguntou: *"Será que ele está com um problema mesmo?"* Eu falei: *"Olha, ele é uma criança diferente, é uma criança especial, mas isso não significa que é um problema. Nem sempre isso significa que há um problema"*. Sabendo-se conduzir a situação, isso não vai ser um problema. Será um problema se não soubermos conduzir, se o professor não souber o que fazer com essa criança e como conduzir a escolarização dela. A tendência ao isolamento se dá em função dessas questões, dessa diferença que existe nos comportamentos.

Senso de humor desenvolvido. Muitas vezes, nós precisamos pedir a eles que nos expliquem a piada, porque as piadas deles são tão elaboradas, que nem sempre conseguimos compreender aonde eles queriam chegar com aquilo que dizem. Mas eles têm um senso de humor maravilhoso, e isso desde pequenos. Essa é outra característica que vale destacar.

Há poucos dias, um pai me mandou um vídeo mostrando o seu bebê montando blocos. A criança ia colocar o bloco no lugar errado e ficava olhando para o pai, para ver se o pai ia dizer alguma coisa, para provocar. Quando o pai dizia: *"Tem certeza de que é aí?"*, o bebê caía na gargalhada. Ele mal falava, e já tinha um senso de humor muito desenvolvido. Isso é bem interessante. Essa é uma criança que está em observação. Não estou dizendo que ela é superdotada, porque ela ainda é muito pequena. Nós não conseguimos chegar ainda à conclusão desse diagnóstico.

Predileção por trabalharem sozinhos e associarem-se a pessoas mais velhas. Como não há compatibilidade de ideias, eles vão preferir o trabalho individual. Isso é muito comum no contexto educacional. Já a associação com pessoas mais velhas se dá por



quê? Porque eles querem aprender. A grande questão da superdotação está no conhecimento. Por isso, a solução para nós resolvermos pendências com relação à escolarização desses meninos e ao convívio social deles está na escola, porque a questão está relacionada ao conhecimento.

Quando tenho um estudante surdo ou cego, precisamos do otorrino ou do oftalmologista para fazermos uma avaliação inicial, identificarmos a deficiência e depois darmos os encaminhamentos. No contexto educacional, o surdo, por exemplo, vai precisar do tradutor, do intérprete de LIBRAS, de um mediador na comunicação, para ter acesso aos conhecimentos. O cego vai precisar de tecnologia assistiva, de material em braile, de recursos pedagógicos. Se temos um estudante com deficiência intelectual, preciso considerar que ele vai carecer de mais tempo na sua escolarização e de outros recursos metodológicos para ter acesso à aprendizagem. Quando tenho estudante com altas habilidades e superdotação, eu não tenho identificadores nem recursos imediatos que eu possa oferecer. É necessário um contexto, porque esses estudantes precisam de enriquecimento curricular, de ter garantido o seu direito à aprendizagem. Muitos deles vão para a escola e já sabem tudo aquilo que o professor está ensinando. Eles vão para a escola não para aprender, mas para ver aquilo que já sabem. E como fica o direito à aprendizagem?

Portanto, toda a documentação, todas as normativas têm o enriquecimento curricular como direito. De que precisa o estudante superdotado? Ele precisa do enriquecimento curricular. Há outra questão de direito que é a aceleração, ou seja, a conclusão em um menor tempo da série ou etapa escolar, que também vamos mencionar aqui. No entanto, no dia a dia da escola, o que ele precisa mesmo é de enriquecimento, que o professor promova um aprofundamento naquele conteúdo que ele está trabalhando, se esse estudante já sabe o básico, o que está sendo dito e trabalhado com os demais estudantes. Isso é importante. Por isso, eles gostam de conviver com pessoas mais velhas, porque assim eles aprendem.

Nós, em certa ocasião, fizemos uma visita a um ancionato com os estudantes da sala de recursos. Eu nunca fiquei tão maravilhada, ao ver adolescentes e crianças compartilhando ideias com os idosos de forma tão tranquila, porque eles estavam ali sugando a experiência de vida daqueles idosos. Para eles, era algo fascinante. Nesse ancionato, estava como interna a primeira mulher que tirou carteira de motorista na cidade



de Curitiba. Para eles, aquilo foi fantástico, porque ela contou todo o contexto social que a levou a conseguir aquela carteira de motorista naquele período histórico em que a mulher não tinha possibilidade de acesso a esse direito.

Busca de soluções próprias para os problemas. Eles sempre trazem uma ideia inovadora. Nem sempre as soluções são viáveis.

Eles não gostam de rotina.

Com relação às soluções viáveis, uma estudante de 7 anos de idade, em 2014, disse para mim que tinha um projeto e que gostaria de compartilhar comigo a ideia, mas o projeto era secreto, e eu precisava ficar com ela sozinha para que me contasse. Hoje ela já me autoriza a contá-lo em público. O projeto era construir uma nave que pudesse transportá-la e transportar a sua família para outro planeta, porque ela fez uma análise social e viu que a terceira guerra mundial seria química e que, independente do local onde ela estivesse no nosso planeta, seria atingida. Então, ela queria construir essa nave para sair do planeta. Olhem a preocupação de uma criança de 7 anos de idade, trabalhando em um projeto de transportar-se para outro planeta, mas em função de uma análise que ela fez da condição social do mundo. Então, são essas as preocupações deles. Se você trabalhar com rotina, eles ficam extremamente entediados. "Tédio" é uma palavra que está constantemente no vocabulário desses estudantes.

Avaliação e julgamento. Eles estão o tempo todo fazendo autoavaliação, avaliando o outro e julgando as questões pertinentes à sua condição de vida diária.

Capacidade desenvolvida de análise e síntese. Eles analisam tudo muito rapidamente. Temos alunos que são confundidos: em relação a eles, são apresentados laudos errôneos de hiperatividade, porque estão apresentando laudos errôneos de hiperatividade, porque estão o tempo todo atentos a tudo e participando de muitas coisas. O cérebro é muito ativo, mas não necessariamente apresenta um transtorno. O transtorno do déficit de atenção com hiperatividade é neurológico, e eles não têm, só são muito ativos. Aí o comportamento se assemelha ao de uma pessoa que tem o transtorno e eles acabam sendo medicados erroneamente. Muitos tomam remédios fortes que prejudicam a saúde em função da não identificação do comportamento de altas habilidades.

Eles têm uma memória fascinante e concentração prolongada.

Também têm rapidez e facilidade de aprendizagem. Digamos que, se nós pudessemos medir, o que nós aprendemos em 1 hora, eles aprendem em 10 minutos. A



escola, para eles, é resolvida em 40 minutos. Nas outras 3 horas e 20 minutos, eles têm que achar o que fazer dentro do ambiente da escola.

São líderes e têm a memória muito desenvolvida.

Eu vou passar um pouco mais rápido, porque nós temos tempo para a apresentação.

São precoces, como eu já disse, e têm ideias inovadoras e interesse por temas muito complexos.

Têm e produzem muitas ideias e têm habilidade em áreas de interesse e gosto pelo desafio. A metodologia adequada para eles é realmente o desafio. Eles precisam ser o tempo todo desafiados.

Quando nós elencamos essas características, de um modo geral, as pessoas pensam assim: *"Nossa, são pessoas perfeitas! É maravilhoso!"*. Os professores pensam: *"Eu gostaria de ter 50, 100 alunos desse na minha sala de aula"*. Mas trabalhar com um superdotado é um desafio muito grande. Nós temos que ter muito conhecimento sobre os comportamentos da superdotação para dar conta desse estudante. E nem sempre eles vão apresentar desempenhos extraordinários no contexto escolar. Há estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem em algumas áreas porque focam em uma única área, e nas outras acabam ficando com defasagens de conhecimento. É importante nós atentarmos para esta questão: um aluno superdotado não é necessariamente o estudante nota 10 da escola. Ele pode apresentar dificuldades de aprendizagem. Há alguns que repetem de ano, apresentam baixo rendimento, e isso não descaracteriza a superdotação.

Defendemos, então, a avaliação no contexto pedagógico, que é muito importante.

Quero falar um pouco da rede pública do Estado do Paraná. Hoje nós temos como política o atendimento a esse estudante garantido nas salas de recursos multifuncionais para altas habilidades de superdotação, entendendo que o estudante superdotado tem necessidades diferentes dos demais estudantes da educação especial, aqueles que têm deficiências e transtornos. No Estado do Paraná, nós temos uma sala de recursos multifuncionais específica para o atendimento ao estudante superdotado e um professor que recebe formação específica para isso. Também temos um núcleo de atividades, que funciona na cidade de Londrina. Não fica na Capital, fica distante. Mas essa descentralização também promove a divulgação da área.



Eles têm o direito garantido de receber o enriquecimento curricular na sala de aula comum, dado pelos professores das disciplinas, orientados pelos professores das salas de recursos multifuncionais. É claro que nós estamos sempre defendendo esses direitos. No entanto, é uma constante na nossa prática na Secretaria de Estado da Educação.

A instrução que estabelece os critérios para o funcionamento da sala de recursos é de 2008 e foi reformulada pela Instrução nº 10, de 2011. Há também a resolução que instaurou o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação — NAAH/S em Londrina.

Aqui temos um pouco dos números no contexto histórico das altas habilidades no Estado do Paraná. Em 2008, nós tínhamos 200 estudantes matriculados em 12 salas de recursos. Atualmente, nós temos 1.238 estudantes matriculados em 117 salas de recursos. Apesar de tímidos ainda, esses números são uma referência a que, no contexto dos Estados do Brasil, o Paraná ainda está bem à frente de outros. Há Estados, por exemplo, que estão fazendo o atendimento a 18 estudantes na rede pública estadual.

Vale também mencionar que aqui estamos tratando só do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Não computei os Municípios que fazem esse atendimento nessa estatística.

Aqui temos os números do Brasil. No total, no ano de 2000, nós tínhamos 750 estudantes superdotados atendidos pelo AEE — Atendimento Educacional Especializado. Hoje eles são 19.451. É claro que a área está crescendo, mas timidamente.

Eu retomo este nosso quadro para dizer para vocês que nós deveríamos ter o mesmo número de estudantes com deficiência intelectual identificados em atendimentos. Seguindo a curva das probabilidades, deveríamos ter o mesmo índice e número de estudantes com altas habilidades e superdotação, porque eles ocupam os extremos das curvas da inteligência. Hoje o Estado do Paraná atende cerca de 50 mil estudantes com deficiência intelectual. Essa é uma realidade em todo o Brasil. Temos ali 1.238 estudantes superdotados. Onde está a dificuldade na identificação desses estudantes? Eles ainda estão invisíveis.

Quero mostrar para vocês os desafios. O principal é tirá-los da invisibilidade. Trago aqui, com relação a essa questão, o que nos foi repassado pelos pesquisadores em âmbito nacional. O grande desafio é tirá-los da invisibilidade, promover políticas públicas e estabelecer o cadastro nacional, que está previsto, mas ainda não concretizado;



fornecer vale-transporte para essas crianças participarem, visto que os deficientes têm direito ao vale-transporte na maioria dos Estados e dos Municípios, e os estudantes com altas habilidades não têm essa garantia para participar do atendimento educacional especializado; promoção de pesquisas.

Para concluir, nós teremos neste ano ainda um congresso internacional, para o qual eu gostaria de contar com o apoio de todos que nos ouvem, promovido pelo Conselho Brasileiro para Superdotação.

Aqui estão os meus contatos.

Agradeço muitíssimo a atenção a todos. Espero ter contribuído um pouquinho para que a nossa área tenha um pouco mais de visibilidade.

Muito obrigada. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Muito obrigado, Profa. Denise Matos, pelas belas informações que nos trouxe aqui.

Nós vamos continuar agora na Internet, porque temos que sair da TV. Agradeço à TV Câmara, à Dra. Linair, do MEC, Coordenadora-Geral de Altas Habilidades. Daqui a pouco, vamos querer ouvi-la. Muito obrigado ao Deputado Pedro Fernandes e a todos.

Está encerrado o nosso programa Educação em Debate.

Muito obrigado e um bom dia a todos. *(Pausa.)*

Muito bem, Dra. Denise. Parabéns pela sua exposição. A senhora também falou da minha cidade, Londrina. Aí ficou melhor ainda. Não sei se gostaria de falar mais alguma coisa que tenha faltado, em função do tempo.

A SRA. DENISE MARIA DE MATOS PEREIRA LIMA - Com relação aos desafios, eu acho que seria muito importante mencioná-los, já que nós estamos aqui num grupo que precisa pensar as políticas.

Posso retomar os desafios bem rapidamente?

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Pois não.

A SRA. DENISE MARIA DE MATOS PEREIRA LIMA - Para elencar os desafios, entrei em contato com os pesquisadores do Conselho Brasileiro para Superdotação e os demais pesquisadores que compõem o grupo, que ainda é muito pequeno, e temos aqui alguns colegas.

Nessa questão de tirá-los da invisibilidade, nós temos que partir do pressuposto de que as políticas estão postas. No entanto, há necessidade de intensificar, divulgar e



reorganizar algumas coisas. Uma delas é o Cadastro Nacional de Superdotados, cujo decreto que o promulgou já foi assinado. Porém não houve sua implementação ainda. Há algumas críticas com relação a ele. Eu acho que é necessário nós pensarmos em como será a avaliação desse estudante para registro no Cadastro Nacional de Superdotados. Por que não se pensou em utilizar os dados do Censo, já que registra o estudante com altas habilidades e superdotação também?

Existe uma série de questões que nós precisamos discutir com o Ministério da Educação e com aqueles que pensam nas políticas públicas educacionais para a implementação desse cadastro, inclusive com relação à terminologia, o que eu já mencionei inicialmente.

Outra questão é a regulamentação de aceleração. Nós temos uma divergência muito grande entre os Estados e os Municípios sobre a aceleração. É um direito do estudante superdotado concluir em menor tempo a série ou a etapa escolar. No entanto, ele nem sempre consegue fazer uso desse direito. Nós precisamos normatizar isso.

Há dois pontos frágeis na aceleração. Um é a aceleração da educação infantil para o ensino fundamental. No Paraná, por exemplo, nós temos uma normativa do conselho dizendo que não é possível fazer essa aceleração da educação infantil para o ensino fundamental. Temos que pensar em como fazer isso. Há Estados que autorizam e Estados que não autorizam.

Com relação aos recursos judiciais, há juízes que autorizam e juízes que não autorizam. Isso acaba causando um desconforto muito grande nas famílias.

Outra questão que é um ponto de estrangulamento é o acesso dos estudantes precoces aos cursos profissionalizantes. Eles são acelerados e conseguem o ingresso antecipado nos cursos profissionalizantes, mas não podem participar de atividades de laboratório porque não têm idade para isso. É preciso ter 14 anos para desenvolver algumas atividades em laboratórios. Então, temos alguns problemas com relação a isso e precisamos pensar em como solucioná-los.

Cito também o investimento na formação de professores e a identificação no contexto escolar, a respeito do que também há muita divergência. Há Municípios que exigem e Municípios que não o exigem laudo; há Estados que exigem e Estados que não exigem laudo com avaliação psicométrica, com avaliação formal. Nós temos que entrar num consenso justamente pensando no cadastro nacional e em que forma vai se dar isso.



Outro desafio, que eu já mencionei, é o apoio financeiro e o auxílio-transporte para os estudantes. Os estudantes com deficiência têm esse direito garantido, mas os estudantes com altas habilidades não têm. Muitos deixam de frequentar as salas de recursos e atendimentos em função de não terem condições financeiras de ir até a escola em horário de contraturno.

Garantia de direito à saúde e aos atendimentos. Alguns precisam de tratamento, eles são da educação especial. Alguns precisam de atendimento clínico e psicológico, de acompanhamento médico com neurologista. Muitos são acometidos por comorbidades que vêm em decorrência não só da superdotação, mas de todas as outras ordens. Hoje, no Estado do Paraná, Deputado, nós temos verificado que, no afastamento para tratamento de saúde pelo SAREH — Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar, inúmeras crianças superdotadas se afastaram da escola porque apresentam problemas como depressão e pânico. Elas não conseguem frequentar a escola. Nós temos que também pensar nessa situação.

Há ainda outros desafios: regulamentação para o acesso a níveis mais elevados de pesquisa, incentivo do próprio Ministério da Educação para o desenvolvimento de pesquisas na área de altas habilidades, viabilização e desburocratização da celebração de parceria para o atendimento a esses estudantes nas instituições de ensino superior. A burocratização é muito grande. O professor da educação básica tem um limite e, depois que é atingido, não consegue mais desenvolver projetos. A partir daí, precisamos recorrer às instituições de ensino superior.

No Estado do Paraná, nós temos várias instituições. A Universidade Estadual de Londrina é uma das nossas grandes parceiras. A Universidade Federal do Paraná e a PUC do Paraná também. Mas a celebração de parceria é bastante burocrática, e isso complica.

Precisamos de incentivo financeiro e técnico para ampliar e revitalizar os NAAHs. Alguns desses núcleos estão, como eu disse anteriormente, diluídos na Secretaria de Educação. E as ações de atendimento ao aluno superdotado, ao professor e à família não estão acontecendo. Então, os profissionais que atuam exclusivamente na atenção ao estudante superdotado estão trabalhando em outras frentes, e o trabalho com altas habilidades tem ficado de lado.



A diferenciação curricular é uma prática necessária, e nós precisamos desenvolver pesquisas, estudos, promover recursos, instrumentalizar os professores para que consigam desenvolver esse trabalho e promover as capacidades dos estudantes no contexto de aprendizagem.

Com relação ao Paraná, eu mencionei as nossas políticas, e gostaria de fazer uma rápida apresentação. Nós temos a NEPAHS — Núcleo de Estudos e Práticas em Altas Habilidades/Superdotação, criado pela parceria da Universidade Federal do Paraná com a PUC do Paraná. Nesse núcleo, nós estamos desenvolvendo pesquisas, com a colaboração da Secretaria de Estado, para desenvolver protocolo de identificação e atendimento aos estudantes.

Por que eu estou apresentando isso aqui? Porque nós temos já a garantia do atendimento educacional especializado para o estudante com altas habilidades na educação básica, mas, quando vai para o ensino superior, ele se torna invisível de novo. Nós temos trabalhado junto às universidades e conseguimos organizar esse núcleo, que está bastante ativo, desenvolvendo pesquisas e atuando em prol das altas habilidades no ensino superior também, junto com a Secretaria de Estado.

Era isso.

Obrigada e me desculpem por eu ter me estendido um pouco.

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Obrigado, Denise, por suas contribuições. Sem dúvida, quando falamos em aluno de educação especial, pensamos muito mais na deficiência do que nas altas habilidades. E, mais um detalhe: o percentual de crianças que estão sendo atendidas é muito menor do que as que existem. Na verdade, falta exatamente visibilidade. Quantos talentos não temos espalhados pelo Brasil afora que poderiam dar grandes contribuições para a sociedade, e, na verdade, as famílias até não entendem o que está acontecendo com os seus filhos.

A SRA. DENISE MARIA DE MATOS PEREIRA LIMA - As famílias não sabem lidar com essas crianças.

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Alguém gostaria de participar e nos falar um pouco sobre o trabalho que está sendo feito pelo MEC, que contribuição poderíamos dar, quais são as perspectivas que nós temos?

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Pode ser. Por gentileza.



A SRA. LINAIR MOURA BARROS MARTINS - Bom dia.

É um prazer estar aqui e ouvir a Dra. Denise, uma pessoa que já conhecemos — conhecemos seu trabalho, o trabalho do Estado do Paraná, de referência para o Brasil.

Como a professora disse, a identificação ainda é um problema muito sério para o sistema de ensino no Brasil. As ações que o Ministério da Educação tem realizado neste momento são a consecução das políticas já implementadas no País. Procuramos, no ano passado, valorizar os Núcleos de Altas Habilidades e Superdotação, porque se encontram bastante sucateados, e fizemos um encontro nacional com os profissionais desses núcleos para uma atualização, digamos assim, do ponto de vista teórico. Abordamos várias questões que fundamentam teoricamente o trabalho com esse alunado e também procuramos compartilhar experiências de vários Estados, que se apresentaram naquele momento como um reforço e uma abertura de novas perspectivas para aqueles trabalhos que já estão sendo desenvolvidos.

No momento, especificamente sobre altas habilidades e superdotação, o Ministério da Educação tem programas e ações que estão se desenvolvendo no contexto da educação especial como um todo. Eu trago cursos de formação que estão sendo oferecidos para professores da educação básica, e posso citar a Universidade Federal de Santa Maria, que está fechando um curso e pretende começar outro, e a Universidade Federal de Uberlândia, que também é um polo significativo nesse trabalho.

Além da formação de professores, há a concepção dos demais programas e ações e a implementação de um cadastro nacional de altas habilidades e superdotação dos alunos matriculados na educação básica e na educação superior. Como a professora mencionou, esse é um trabalho que nos desafia, porque o art. 59-A da Lei de Diretrizes e Bases, que incluiu o cadastro nacional, é um pouco inespecífico. Nós já conversamos com vários profissionais da área, inclusive por ocasião do encontro no ano passado, e neste momento o cadastro encontra-se em fase de implementação.

Há questões de ordens política, jurídica e técnica para abrigar esse cadastro, desenvolver essa plataforma e definir como será o acesso. No momento, temos uma minuta de decreto de regulamentação da lei em análise pela consultoria jurídica e ações de ordem operacional estão sendo adotadas pela diretoria de informática para consecução e implementação dessa plataforma.



Ainda precisamos ouvir a área, e queremos fazer isso. Tivemos a oportunidade de participar de audiência pública em que esse assunto foi abordado. Já ouvimos os profissionais, mas queremos ouvir mais, porque o art. 59-A vai dizer que esse cadastro é para os estudantes da educação básica e da educação superior.

Há uma variedade muito grande de dados que são captados pelo censo escolar, coordenado pelo INEP, e questões de outras ordens que precisam ser bem definidas. Nós temos todo um arcabouço e um modelo de cadastro que já foi inclusive submetido à apreciação de especialistas, mas ainda enfrentamos essas questões para a real implementação e publicidade desse cadastro e o acesso das pessoas interessadas no Brasil.

Estamos realizando essas ações e dando continuidade aos trabalhos que já se desenvolvem na área no País.

Estou à disposição para questões que surgirem e a que eu possa responder.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Professora, muito obrigado pela sua participação, pela sua vinda aqui, pelas suas contribuições.

Tem a palavra a Valquíria Teodoro, de movimentos de pais de alunos com altas habilidades do Brasil.

A SRA. VALQUÍRIA TEODORO - Bom dia a todos.

Em nome das famílias das crianças com altas habilidades e superdotação, nós solicitamos a intervenção do Deputado Alex Canziani junto ao Presidente desta Casa, Sr. Rodrigo Maia, para a criação de Comissão Especial para examinar e proferir parecer sobre a PEC 336/13, que propõe alteração do inciso III do art. 208 da Constituição Federal. Neste momento em que o STF declarou constitucional o corte etário, estabelecendo idade mínima para o acesso ao primeiro ano do ensino fundamental, buscamos por meio dessa PEC o respeito e a garantia de aprendizado ao longo da vida, assegurando as possibilidades de desenvolvimento de suas habilidades intelectuais e físicas no sistema educacional.

Essa alteração vai atender ao preceito de atendimento educacional especializado a pessoas com deficiências, acrescentando o termo "transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, preferencialmente na rede regular de ensino, em todas as faixas etárias (...)" — o que hoje é o grande gargalo que nós



enfrentamos — "e níveis de ensino, em condições e horários adequados às necessidades (...)" dos nossos filhos e alunos dentro do âmbito escolar.

Nós já obtivemos parecer a respeito dessa questão em requerimentos de vários Deputados desta Casa. Por intervenção do Deputado Izalci Lucas, nós conseguimos desarquivar essa PEC em 2015, e contamos com o apoio dos Deputados Eduardo Barbosa, Professora Dorinha Seabra Rezende, Efraim Filho e Erika Kokay. Esperamos que, antes do final desta legislatura, nós possamos concluir o processo dessa PEC. Não obstante o Estado do Rio de Janeiro ainda estar sob intervenção, o próprio Presidente da Casa já declarou que garantiria a constitucionalidade da continuidade dos processos já em andamento.

Então, neste momento em que o STF sufocou as famílias no sentido de não permitir que as crianças com condições de aprendizagem acima da média possam usufruir dos direitos e garantias de acesso às condições de ensino que elas demonstram ter, a única expectativa que temos agora é com relação à aprovação dessa PEC.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Muito obrigado, Valquíria. Vamos falar com o próprio Presidente para ver como está a instalação dessa Comissão Especial. Uma PEC tem tramitação demorada e necessita de aprovação diferenciada, tanto que para essa, de 2013, não se formou nem a Comissão Especial ainda. Já foi aprovada a sua admissibilidade na Comissão de Constituição e Justiça?

A SRA. VALQUÍRIA TEODORO - Ela já está aprovada em todas as Comissões. Só falta a constituição de Comissão Especial para proferir o último parecer.

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Perfeito. Nós vamos falar, então, com o Presidente no sentido de ver se conseguimos instalar essa Comissão Especial.

Obrigado pela sua contribuição.

Mais alguém gostaria de se pronunciar? (*Pausa.*)

Peço só que se identifique, por gentileza.

A SRA. TATIANA - Bom dia.

Meu nome é Tatiana. Eu sou mãe de crianças com altas habilidades e coordenadora de um grupo sobre escolas onde esse tema é frequentemente abordado também.



Participo ainda de um grupo de mães e pais de alunos do Colégio Militar que já existe há 5 anos. Nós reunimos as crianças no sábado para simulados de olimpíadas do conhecimento e aulas avançadas de Matemática, Física e Química. Esse grupo tem cerca de 20 crianças — começaram outras — no primeiro ano do ensino médio e já conseguiu mais de 300 medalhas em olimpíadas em nível nacional de Matemática, Física, Química, isso, com encontros a cada 15 dias, no sábado à tarde, e a ajuda dos pais mesmo, sem ninguém muito especializado.

Eu concordo com tudo que a Dra. Denise e Valquíria falaram. Realmente, essa questão da data de corte é uma preocupação. Apesar de a lei resguardar os direitos dos superdotados, nós sabemos que, como a minoria é identificada, já temos um problema de cara aí de crianças que já têm uma capacidade de estar num nível acima e que vão ficar retidas por causa da data de corte.

Eu queria sugerir umas coisas práticas, das quais nesse grupo sentimos falta, que seriam ações que não dependeriam de um grande investimento nem de grandes projetos, apenas de se cumprir a lei, de se garantir que se cumpra a lei.

Esses meninos que estão fazendo olimpíadas, ganhando medalhas em olimpíadas nacionais no nível de ensino médio, têm conhecimento muito além da grande maioria dos universitários. Existem alguns estudos... Nos Estados Unidos se faz o chamado *map test* em Inglês e Matemática. Os dados são interessantes, porque é um teste computadorizado. Todas as crianças começam com a mesma questão. Independentemente da idade, elas começam com questões bem básicas "*Quantas maçãs há nesse cesto?*" À medida que vão avançando no teste, vão recebendo questões mais difíceis, independentemente da série em que estão.

O interessante desse teste é que, se uma criança de 7 anos faz 200 pontos e uma de 15 faz os mesmos 200 pontos, podemos comparar e perceber que o nível de conhecimento em Matemática delas é igual. Isso ajuda a perceber essa discrepância de conhecimento entre as séries e o quanto isso é muito maior do que imaginamos. Para terem ideia, 1% dos alunos do sexto ano do ensino fundamental com melhor pontuação está acima de 85% dos alunos do último ano do ensino médio em conhecimento matemático. Um por cento das crianças com 7 anos em leitura está mais avançado do que 1% inferior das crianças do terceiro ano do ensino médio. Então, essa rigidez com a idade em relação à matrícula e ao acesso ao nível de ensino está segurando muita gente.



A boa experiência que temos no Brasil, que é na área de Matemática, é o programa Polos Olímpicos de Treinamento Intensivo — POTI, do INPA — Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada. Eles dão a essas crianças acesso a conteúdo mais avançado. Aplicam problemas de lógica avançados às crianças participantes das olimpíadas e permitem que os alunos campeões de olimpíadas de Matemática, quando entram na faculdade, já comecem o mestrado ao mesmo tempo em que cursam a graduação.

E esses pesquisadores têm obtido muito sucesso. Grande parte dos ganhadores de medalhas na área de Matemática passaram pelas olimpíadas e fizeram graduação antes. Temos o caso de Diego Marques, da Universidade de Brasília — UnB, por exemplo, que começou nas Olimpíadas Científicas, tendo acesso a conteúdo avançado. E ele terminou graduação, mestrado e doutorado em 4 anos e 4 meses. Ele entrou para o *Guinness Book*. Na verdade, foram 4 anos, 3 meses e 9 dias. É reconhecido como pesquisador e ganhou vários prêmios internacionais.

São poucos os que têm acesso. O Diego estudou num colégio em Fortaleza em que os alunos mais novos tinham acesso a conteúdos de ensino médio e de faculdade, com professores especializados. Quantos alunos não têm essa oportunidade? Quantos nós estamos perdendo?

Acho que uma coisa simples seria, com tanta cadeira vazia nas universidades, tanta desistência nos cursos, deixar os alunos do ensino médio que são de Olimpíada participarem. Outra opção seria criar, tal qual o POTI de Matemática, polos de treinamento olímpico em Física e em Química. São ações com investimento baixo. Pode-se aproveitar o espaço e a estrutura que outros colégios já têm. Existem professores voluntários dispostos a isso. No POTI, os professores são voluntários. Isso causaria um grande impacto. E não vejo isso como gasto, vejo como investimento.

Era o que eu tinha a dizer.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Muito obrigado pelas suas contribuições.

Quero saudar o Deputado Izalci Lucas, que está presente e foi citado há pouco.

Estamos falando de altas habilidades, Deputado Izalci Lucas. Lembro-me de que V.Exa. já fez uma audiência pública, algum tempo atrás, sobre esta questão também.



Estamos com a Profa. Denise Matos, da Universidade Federal do Paraná, e a Sra. Valquíria Teodoro, do movimento de altas habilidades do Brasil. Ela falava da PEC 336, em que V.Exa. está empenhado também, inclusive para que o Presidente Rodrigo Maia faça a instalação da Comissão.

O Deputado Eduardo Barbosa foi citado e chegou também. S.Exa. tem grande atuação na área da educação especial.

Não sei se V.Exa., Deputado Izalci Lucas, gostaria de falar alguma coisa. O Deputado Izalci Lucas será Senador e contribuirá na outra Casa.

Desejo sucesso a V.Exa., que é um grande lutador por Brasília e pelo Brasil, principalmente na educação!

O SR. IZALCI LUCAS (PSDB - DF) - Deputado Alex Canziani, mais uma vez, quero parabenizar a iniciativa da Frente. Sei que V.Exa. é um guerreiro nessa parte de educação e tem trazido para nós temas relevantes. Infelizmente, eu tive outros compromissos pela manhã e não pude participar, mas quero aproveitar para parabenizá-lo e desejar-lhe também muito sucesso em sua nova empreitada. Parabéns pelo trabalho e pelo tema!

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Obrigado, Deputado Izalci Lucas.

Mais alguém gostaria de trazer alguma contribuição ou fazer alguma sugestão?
(Pausa.)

Peço que se identifique, por favor.

O SR. PAULO TOMINAGA - Meu nome é Paulo Tominaga. Assim como a colega, sou pai de 6 crianças, uma delas — atualmente com 17 anos — já identificada com altas habilidades há algum tempo. Em função disso, há pelo menos 4 anos eu acompanho atividades realizadas em Brasília com alunos relacionados com altas habilidades e superdotação.

Eu gostaria de destacar aspectos no tema "desafios". A Professora deixou bem claro, são aspectos relacionados com o âmbito público, com a gestão. Muitas vezes, nós temos uma preocupação relacionada com a seguinte questão: como aproveitar melhor o potencial que essas pessoas possuem? Como eles podem contribuir melhor para a nossa sociedade?



Muitas vezes, eu sinto falta de que termos atenção em relação à realização pessoal de cada um deles. É claro que quem trabalha na área diretamente, as pessoas que estão lidando com isso, os pais que estão envolvidos, sabem da importância para a saúde psíquica, para a saúde emocional dessas pessoas. É essencial que as pessoas se sintam bem, que os alunos se sintam bem, não necessariamente que desenvolvam projetos que vão desembocar em um resultado favorável para a sociedade como um todo.

Eu digo isso porque vejo como um dos grandes desafios esta integridade emocional. Ao longo desses 4 anos em que tenho acompanhado o tema no Distrito Federal, frequentemente constatei problemas graves, problemas que envolvem automutilação, que envolvem tendência ao suicídio e tentativas reais de suicídio, em função de uma não adequação da pessoa com a sua família ou da pessoa com a sua escola. Muitas vezes, nós temos professores que não estão adequadamente formados. É claro que a formação dos professores é essencial, mas vejo que o apoio às famílias, o apoio aos pais é algo muito importante, e não pode ser descuidado. Não só o movimento realizado pelos próprios pais, mas eventualmente alguma institucionalização de apoio, de atendimento e de formação aos pais pode ser algo importante para ser realizado em relação aos núcleos que estão acontecendo.

Aqui em Brasília, há uma abertura, e os próprios pais procuram fazer com que isso aconteça, mas, infelizmente, para as pessoas que têm um grau de instrução menor, isso é difícil. Talvez seja importante que nós venhamos a dar mais atenção à família, no mesmo grau de atenção que nós damos ao estudante. Que demos atenção também aos pais, para que o desenvolvimento seja adequado, para que possamos ter um equilíbrio emocional adequado e, no final das contas, tenhamos bons resultados para a sociedade como um todo.

Eu acho que é esta a contribuição que eu gostaria de deixar neste momento.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Vamos ver se mais alguém gostaria de dar uma contribuição. Assim, passaremos a palavra para a Sra. Denise, para que possa falar alguma coisa sobre o que foi trazido pelos nossos colaboradores e fazer a sua despedida. *(Pausa.)*

Tem a palavra a Sra. Denise Matos.



A SRA. DENISE MARIA DE MATOS PEREIRA LIMA - Eu acho importante mencionar que o índice de estudantes superdotados, segundo a Organização Mundial de Saúde, é de 3% a 5% da população mundial. Se nós fôssemos trazer isso para a nossa condição escolar de hoje, seria 1 a cada 30, pelo menor índice, utilizando apenas as questões de ordem acadêmica mesmo.

Eu acho muito importante o que o Sr. Tominaga disse agora com relação ao bem-estar desse estudante na escola. O que nós estamos fazendo aqui hoje não é para pensarmos somente na escola pública ou somente na escola privada, mas é para que, em todas as redes de ensino, onde quer que esse estudante esteja inserido, ele tenha acesso à aprendizagem, à educação de qualidade, tendo atendidas as suas necessidades específicas de aprendizagem, com respeito ao seu comportamento, para que ele se sinta bem nesse ambiente.

Hoje a escola faz um movimento que tira esse estudante desse contexto. Por isso, eu mencionei o SAREH — Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar. As crianças estão sendo afastadas por motivos de saúde para atendimento à escolarização em domicílio. Alguns são internados, passando por sofrimento psíquico, em função de um contexto educacional que não atende às suas necessidades.

Eu acho muito importante que esta Casa e o MEC incentivem e determinem como deve ser esse atendimento, não só na rede pública de ensino, mas nas redes privadas também. Hoje nós temos uma rede pública de ensino que prevê esse atendimento e o tem feito. No Estado do Paraná, nós privilegiamos isso. Todas as 117 salas de recursos estão em funcionamento. Por mais que nós tenhamos ainda um número muito grande de estudantes a serem identificados, nós consideramos que 1.300 estudantes é um número bastante significativo no contexto educacional brasileiro. Porém, as escolas particulares têm negligenciado esse estudante e não têm feito o atendimento.

Não queremos aqui a promoção de projetos para que esses estudantes saiam do ensino público e vão para o ensino particular. Não é isso. Alguns pensam assim, pensam que lá eles terão um ensino melhor. Não, nós queremos oferecer a melhor qualidade em educação para esse estudante na rede em que ele estiver inserido, seja pública, seja privada, em todas as instâncias em âmbito nacional.

No âmbito federal, nos Institutos Federais de Educação, nós precisamos desenvolver um trabalho de identificação e atendimento desses estudantes, e também



nas universidades, assim como na educação básica da rede pública e privada, nas escolas municipais e estaduais. Enfim, onde quer que ele esteja. A escolha da rede de ensino é da família, e não pretendemos incentivar projetos que retirem o nosso estudante da escola pública, dizendo que lá na escola particular ele terá o melhor ensino. Ele tem que ter, onde estiver, a melhor educação, para que se sinta bem e não fique desestimulado. Que tenha todo o atendimento educacional necessário para o seu desenvolvimento.

O SR. PRESIDENTE (Alex Canziani. Bloco/PTB - PR) - Muito obrigado, Sra. Denise, por sua vinda. Parabéns pela sua exposição! V.Sa. falava em dar visibilidade aos alunos. Nós demos visibilidade ao assunto, com certeza, pela presença das pessoas que estão presentes, e até porque o evento é transmitido ao vivo para todo o Brasil. Com certeza, os próprios meios de comunicação da Casa vão dar mais visibilidade para esta área, que é tão importante.

Eu quero agradecer muito a toda a nossa equipe por mais esta edição do *Educação em Debate*.

Agradeço aos Deputados Izalci Lucas e Pedro Fernandes, que estiveram conosco. Agradeço ao Deputado Eduardo Barbosa, que também passou por aqui, assim como ao Deputado Glauber Braga.

Quero agradecer a todos os amigos e amigas que vieram trazer contribuições, em especial à nossa representante do Ministério da Educação. Muito obrigado pelas suas palavras!

Encerramos mais uma edição do *Educação em Debate*.

Bom dia a todos!